

ARTIGOS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE A ORIGEM DOS ESLAVOS

De todos os problemas científicos, os de etnogênese são os mais interessantes, mas até hoje dos mais difíceis de se resolver. Nestes problemas quando se acha solucionada uma questão secundária, topa-se com outras mais complicadas que ficam sem resposta. Só resta então recorrer à hipóteses que, entretanto, se revelam muitas vezes errôneas e por isso os cientistas honestos são obrigados a reconhecer que no estado atual dos nossos conhecimentos não se pode dar uma resposta satisfatória a êste ou àquêle problema que surge no decorrer do trabalho. Êste complica-se ainda mais quando comparado com os problemas apresentados pelas ciências exatas, tais como a astronomia, a física ou a química, pois o progresso destas últimas é atingido em geral graças ao aperfeiçoamento da técnica, aplicada nas suas pesquisas, ao passo que a etnogênese é baseada sobretudo nos resultados freqüentemente fortuitos das escavações arqueológicas que esclarecem o passado da humanidade. Acontece que teorias etnogênicas são às vezes reconstituídas, ou mesmo totalmente abandonadas, em conseqüência de novos achados feitos na esfera de uma ciência só indiretamente ligada a ela. Um cientista que se dedique atualmente ao estudo da etnogênese, uma ciência histórica por excelência, tem de recorrer ao auxílio de descobertas em diferentes outros ramos de nossos conhecimentos. Não basta para um etnogenesista estar ao par das pesquisas arqueológicas, que é também uma ciência histórica, êle é obrigado a consultar as conclusões de outras ciências como a geologia, a antropologia, a filologia e a etnologia. Não obstante não se poder ainda afirmar que a ciência chegou a estabelecer fatos definitivos no domínio da etnogênese e êsse alvo torna-se aliás ainda mais difícil a atingir devido às paixões despertadas pelas ambições desencadeadas oriundas das ambições político-nacionais e pelas tentativas de basear estas em dados científicos. O exemplo recente do racismo que tentou fazê-lo para justificar as pretensões nacionais de certos grupos políticos alemães está ainda na memória de todos e é muito possível a repetição de casos análogos.

*
* * *

Quisemos começar com essas observações, a fim de não sermos acusados de citar na exposição das últimas hipóteses a res-

peito da origem dos eslavos, opiniões sem bases bastante sérias. Indicaremos ainda que as pesquisas em que se baseia agora a etnogênese de diversos povos começaram na verdade há menos de um século, que as suas principais descobertas datam do século XX e que não é excluída a possibilidade de que novos achados abram perspectivas diferentes das que as até então eram utilizadas pelos cientistas dos povos mais interessados nelas.

Enfim, queremos indicar que os últimos materiais de que pudemos dispor para este artigo datam de 1946-1947 e lemos que depois disso apareceram dois trabalhos fundamentais sobre a origem dos eslavos: o dos professores Lehr-Splavinski (polonês) e Udaltzov (russo), que lamentamos não terem chegado às nossas mãos.

Os povos europeus em geral formaram-se em consequência da mistura de várias raças e seria presunção afirmar que já se disse a última palavra a este respeito. Os cientistas estão, porém, de acordo quanto a alguns fatos básicos sobre o aparecimento do homem na Europa. Isso teria se dado no período que precedeu a última expansão das geleiras na Europa Central. Entretanto, não se acharam vestígios de ossos humanos dessa época com exceção daqueles do homem primitivo, como o de Neandertal; acharam-se grande número de instrumentos de pedra usados neste período que foi denominado de paleolítico. Mais tarde foi ele dividido em duas épocas: a do paleolítico propriamente dito — ao qual pertencem as culturas aurignacense e outras próximas dela (solutrense, madalenense, etc.) (1) — e a do neolítico, que datam de 25.000 a 3.000 anos a.C.. As datas atribuídas a essas culturas variam nas obras de quase todos os cientistas; variam também as datas da última retrocessão das geleiras na Europa e pode-se somente afirmar que os achados destas culturas são absolutamente insuficientes para julgarmos do homem de então. Entretanto, é interessante notar que achados análogos foram também feitos na Europa Oriental, na Sibéria e no extremo norte da América; os esquimós parecem ser os últimos vestígios do homem desse período.

Há, porém, discussões a respeito da extensão dessas culturas que freqüentemente são reunidas sob a denominação de aurignacense e, em particular, a de saber se vieram do oeste para leste ou vice-versa. Parece-nos mais exata a teoria que afirma a existência de dois movimentos do homem paleolítico: o primeiro do Ocidente para a América do Norte e o segundo quando do derretimento das últimas geleiras do norte da Europa na direção da Sibéria para o norte da Escandinávia.

Seja como for, podemos apenas afirmar que o homem destes milênios, ao qual às vezes se dá a denominação de *europido*, ser-

(1). — Estas denominações foram dadas pelos arqueólogos franceses aos seus achados devido a situação das "estações" junto às aldeias onde foram eles encontrados (Aurignac, Salutré, Madaline, etc.).

viu de base à população atual da Europa, mas para julgarmos como se processou essa evolução, os dados que temos são ainda insuficientes. Supõe-se somente que essa população primitiva sofreu invasões de povos de origem asiática que chegaram através do Cáucaso ou da Ásia Menor. Estes invasores se teriam misturado com os habitantes primitivos ainda no período neolítico — que começou depois do ano 3.000 a.C. — e teriam formado a população indo-européia. É somente nesse período que começa a diferenciação do linguajar dos povos europeus, mas é impossível traçar desde então linhas fixas de separação entre eles. J. Schmidt, H. Hirt e T. Sulimirski concordam, porém, em distinguir o grupo indo-iraniano no sul e oeste da Rússia e no norte dos Balcãs, os gregos e trácios no sul e oeste dos Balcãs e os eslavos na Europa Central. Ao norte destes são localizados os bálticos e ao oeste os teutônicos. Nos Alpes e nos territórios adjacentes a essas montanhas, ao norte e a leste, são colocados geralmente os ilíricos. A Itália, com exceção da parte sul, foi ocupada pelos itálicos e, enfim, a parte norte da França e o sul da Inglaterra pelos celtas. O começo dessa diferenciação lingüística se refere provavelmente ao fim do terceiro milênio a.C. e desenvolveu-se durante o segundo.

Notemos ainda que os nórdicos escandinavos que pertencem ao grupo teutônico separaram-se dos germânicos em consequência de processos geológicos. Depois do derretimento da geleira que cobria a Europa Central e Oriental, a Escandinávia encontrou-se inicialmente ligada à atual Alemanha por um istmo e o Mar Báltico transformou-se num lago. Mais tarde, porém, essa região baixou e o Báltico tornou-se de novo parte do Atlântico. A evolução dos teutônicos, que estabeleceram-se antes disto na Escandinávia, tomou desde então um rumo diferente daquele dos germânicos. Tendo vizinhos imediatos somente ao norte — os lapões, pertencentes ao grupo de povos ugro-altaicos, completamente alheios aos teutônicos — os escandinavos conservaram melhor do que os outros povos europeus a pureza do seu tipo primitivo. Isso impressionou muito Gobineau e mais tarde os racistas alemães basearam nesse exemplo suas teorias a respeito da desigualdade racial.

Os povos ugro-altaicos ou fineses ocuparam então também a parte norte da Rússia atual, até a linha que passa pela ilha Oesel no Báltico, por Moscou e vai até a extremidade meridional dos montes Urais.

Depois destas indicações preliminares, passaremos ao que sabemos do grupo eslavo. Durante muito tempo a origem dos povos em geral e a dos eslavos em particular não despertava o interesse dos historiadores que limitavam-se à citar, sem crítica, as lendas reunidas nas crônicas, às vezes poéticas, mas sem nenhuma base real. Segundo essas lendas, os eslavos ocidentais e do norte descenderiam, por exemplo, de três irmãos: Tcheck, Lech e Rus, fundadores dos estados checo, lecho (Polônia) e russo. Lech aparece

como um dos primeiros chefes poloneses e com seu nome foi denominado um monte na cidade de Gnesno, no qual mais tarde foi construída a catedral desta cidade. Este monte teria sido o berço da nação polonesa. Rus, o antepassado dos russos, teria fundado a cidade de Staraja Russa que, segundo o professor Vernadski, teria sido o primeiro e o mais importante centro comercial dos eslavos orientais do norte. A crônica de Novgorod conta que este Rus era filho de Esloveno, bisneto de Jafet.

É claro que tais lendas não contentaram os cientistas eslavos e já no século XVIII começaram eles a trabalhar para estabelecer as origens reais dos seus povos. Primeiro estudaram as fontes gregas e romanas, às quais juntaram-se mais tarde as árabes. Entre elas o primeiro escritor que falou das regiões agora povoadas pelos eslavos foi Heródoto, que visitou no século V a.C. a colônia grega de Ólbia, no estuário do Dnieper, e descreveu os citas nômades, vizinhos dessa colônia. Estes, segundo a maioria dos cientistas, eram de origem iraniana; todavia outros consideram os citas como um povo mongólico. Os citas deixaram um grande número de túmulos em toda a Rússia do Sul, nos quais foram encontradas relíquias riquíssimas que deixam, porém, supor que entre os citas havia dois grupos: os que chegaram das estepes da Ásia Central e um outro, chegado mais tarde, da Transcaucásia. Este último foi realmente de origem iraniana e estabeleceu-se inicialmente na bacia do rio Kuban. Ao que parece, Heródoto fala somente dos citas do primeiro grupo, que ocuparam as estepes do lado esquerdo do Dnieper. Ele distinguia os citas régios e os citas livres e ao norte dos citas, na região das florestas, constatava a existência de um povo não cita que ele, porém, não descreve pormenorizadamente. Entre os restos que foram encontrados nos túmulos citas foram achados vasos com desenhos representando cenas de sua vida. Os tipos desses homens são diferentes e, por isso, alguns cientistas pensam que além dos citas continuavam a viver nas estepes povos conquistados pelos citas. Talvez estes fossem de origem eslava, mas é impossível afirmar que esta tenha sido a região povoada inicialmente pelos eslavos.

Heródoto na sua história, escrita em 445 a.C., cita também os *enetoí illyrion* que habitavam nas margens do Adriático. É a primeira vez que os vênets foram mencionados. Antes da nossa era, encontrámo-los ainda mencionados por Políbio mais ou menos em 150 a.C. Esse povo, segundo ele, assemelhava-se aos celtas pelos costumes, pelos enfeites que usava, mas falava uma outra língua; que língua era essa não sabemos, mas existem indicações de que era parecida com a atual língua albanesa: a única sobrevivente das línguas dos povos ilíricos. Citamos esses autores da Antiguidade porque agora os cientistas eslavos são de opinião que todos os povos compreendidos pelas denominações de vênets, vendos, etc., eram povos eslavos. Objetou-se, todavia, que povoações

de vênets foram encontradas em regiões muito afastadas das regiões eslavas como a Armórica (Bretanha) e a Galácia (Ásia Menor). A isso o professor russo Miliukov retrucou que talvez os celtas tivessem levado consigo grupos de vênets nas suas migrações e indica que na Armórica foram encontrados vestígios da cultura de Unetitze (*Aunitzer kultur* em alemão), às vezes reconhecida como eslava. Também Lehr-Splavinski considera que o nome da província francesa da Vendéia (*Vendée*) provém dos vênets transferidos para lá pelos seus conquistadores celtas.

Depois de Políbio, encontramos também a denominação de vênets em outros escritores romanos. Assim, no ano 48 a.C., Pomponio Mela fala do *lacus venetus*, que é o atual lago de Constança. As *Tábuas de Peutinger* falam dos vênets como de um povo que habitava a região do Danúbio. Estas *Tábuas* eram um indicador de rotas postais do império romano, pela primeira vez estabelecido por Agripa no ano 7 a.C. O exemplar desse indicador, que foi encontrado em Peutinger, foi escrito entre 271 e 280 d.C.

As *Tábuas* mencionam no Danúbio médio os *venedi sarmatoi* e no Danúbio inferior os *venedi*. Os sármatas eram um grupo de tribos de origem iraniana que começaram a atacar os citas no IV século a.C. e dois séculos mais tarde os substituíram no norte do Mar Negro. Uma tribo sármata, os alanos, fundou ali um reino e submeteu os *antes*, povo que agora se considera como eslavo e que habitava ao oeste do Dnieper. Esses *antes* são mencionados por Jordanes, historiador dos gôdos, povo teutônico que abandonou no III século da nossa era a região que habitava na Alemanha do Norte e após vencer os eslavos que encontrou nas bacias dos rios Vístula, Dniester e Bug, estabeleceu-se nas estepes ocupadas anteriormente pelos sármatas, que por sua vez emigraram para a região danubiana. Os alanos desapareceram então quase totalmente e há deles apenas um pequeno vestígio: os oscetas, povo das montanhas caucasianas. Os sármatas subjogaram no Danúbio os povos que aí encontraram e que segundo as *Tábuas de Peutinger* eram venedos ou vênets. Mais tarde, no ano 334, durante a guerra de Constantino-o-Grande contra os sármatas, os escravos destes (*servi sarmatorum*, ou *duloi*) revoltaram-se contra os seus dominadores, os *sarmatae liberi* e os expulsaram para a região ao sul do Danúbio, onde Constantino deu-lhes terras para se estabelecerem. Nos nossos dias acha-se que esses "servos" eram vênets e eslavos. Desta opinião é, entre outros, o grande eslavista checo Niederle.

A região ao norte do Danúbio era pouco conhecida pelos romanos, o que Políbio reconhece francamente. Só no começo da nossa era é que se fala do rio Vístula, considerado como a fronteira entre a Sarmácia e a Germânia. Assim Plínio menciona em 77 d.C. que os sármatas e vênets habitavam *ad Vistulam usque fluvium* e Ptolomeu, na segunda metade do II século, afirma que

a Sarmácia é povoada por povos muito importantes (*ethne me-gista*) e entre eles pelos vênedos, ao longo do golfo Venédico que é, sem dúvida, o Mar Báltico. Tácito, que escreveu no fim do I século, verifica que entre os germanos e sármatas vivem povos de uma terceira raça. Ele cita os os que habitam atrás dos marcomanos e dos quados, mas que não são germânicos e que falam uma língua "panônica" (2) e pagam tributo tanto aos quados como aos sármatas. Os os já eram um povo sedentário. Quanto aos vênedos do Báltico, Tácito os qualifica de povo germânico. Tácito fala ainda de *plures civitates* que habitam atrás de montanhas que provavelmente são os Cárpatos. Entre eles distingue o povo mais conhecido por *liguios*, que povoou numerosas regiões. Estrabão fala também dos *luios* que são um grande povo e Ptolomeu declara que ele morava nas nascentes do Vistula e do Oder ao norte dos montes Corcontes (Sudetos, que até hoje são chamados na Checoslováquia de *Krkopoches*). Estas denominações de *luguios* ou *luios* levam-nos ao território da Lausutza (*Lugitze* em eslavo e *Lausitz* em alemão) na atual Saxônia, habitado até hoje por eslavos: os sérvios de *Lugitze*. As três denominações de sérvios, eslavos e vênedos encontramos ligadas na crônica de Fredegário, escrita no fim do século VII, que fala dos *surbi gens ex genere sclavinorum* e *sclavi cognomento vinadi*. Fredegário fala também da primeira tentativa de formação de um estado eslavo na Morávia, que foi chefiado por Samo. Esse estado eslavo não teve, porém, longa existência, mas depois de sua destruição, os *vinidos*, que habitavam a leste da Turíngia, derrotaram o exército de Dagoberto, rei da Austrásia (626-639), mas foram eles mesmos derrotados mais tarde pelos lombardos e alamanos (3).

Citamos aqui dados históricos a respeito dos povos que habitavam nas regiões agora consideradas como eslavas. Inevitavelmente, ao confrontar esses dados, perguntamos a nós mesmos: quem eram esses povos, qual é a sua origem, e se eram eles eslavos desde o início? O que atraiu especialmente a atenção dos historiadores foi o fato de que em regiões muito afastadas habitavam povos com denominações parecidas: as dos vênedos, vênedos, vinidos e vendos. Geralmente são reconhecidos como eslavos os vendos bálticos, mas se levarmos em consideração que todas as regiões onde habitavam os vênedos, vênedos e vinidos são tam-

(2). — Panônia, atual Hungria, era precisamente a região onde habitavam os vênedos acima citados, que expulsaram mais tarde os sármatas.

(3). — Na sua *History of Russia* (edição de 1944) o professor Vernadski, falando da origem dos russos, indica que nas estepes do sul da Rússia existiam desde o III e possivelmente desde o II século a. C. tribos eslavas dominadas pelos alanos e que tomaram o nome alânico de *antes*. Os próprios alanos chamavam-se *as* ou *os* (daí o nome dos ossetos, atuais descendentes dos alanos). *Antes* é o plural de *as* e assim teriam sido também chamados os povos dominados pelos alanos. Uma tribo dos *antes* foi chamada *ruks-as* ou "alanos resplandescentes". Vernadski pensa que daí provém o nome de *rus* ou *ros*, denominação dos russos que encontramos pela primeira vez numa crônica siríaca do século VI.

bem povoadas agora pelos eslavos (com exceção da Panônia e da Dácia), compreende-se que exista a tendência de ver nelas povos ou tribos proto-eslavas.

Certos cientistas acham que a denominação desses povos origina-se da palavra celta *vind*, que significa branco. Entretanto, foram também assinalados vênets em regiões para onde nunca se movimentaram os celtas e por outro lado não se compreende o sentido real dessa denominação. Assim, parece mais sensata a explicação de Miliukov que aponta para o fato de que no atual albanês (repetimos: é a única sobrevivente das línguas ilíricas) a palavra *vendes* significa autóctones. Estes povos teriam sido os autóctones das regiões em que foram localizados e se foram às vezes subjugados por outras nacionalidades, por sua vez assimilaram os conquistadores. Daí se conclui que esses indígenas já seriam eslavos.

Entretanto, no século XVIII dominava a teoria da origem asiática dos eslavos, proclamada inicialmente pelos historiadores alemães. Segundo eles, os eslavos teriam povoado não muito antes da nossa era toda a região ao norte das estepes da Europa do Sul até ao Báltico. Agora esta teoria está quase abandonada, mas ainda em 1933 o professor polonês Moszinski exprimiu-se em seu favor no seu livro *Kultura ludowa slowian* (Cultura popular dos eslavos). Porém, já desde o fim do século XVIII opinaram contra ela cientistas checos e poloneses, tais como Dobrovski, Lelevel e Venelin. Foi também o grande cientista checo Shafarik que, na primeira metade do século XIX, afirmou que a região originária dos eslavos encontrava-se nas vertentes setentrionais dos Cárpatos até a Galícia, Volhinia e Podólia. Essa teoria foi aceita por muitos cientistas russos, como por exemplo: Kliutchevski, Zabelin, Flovaiski e Samokvasov. Todavia, com as novas escavações arqueológicas do fim do século XIX passou-se a declará-la errônea. O primeiro a dizer que a região inicialmente habitada pelos eslavos foi maior do que se pensava anteriormente foi o cientista Niederle — já citado — que estabeleceu o fato de haver populações eslavas pré-históricas também a oeste do Vístula e a leste até os rios Berezina e Pripet. Logo depois dele, o professor polonês Rosvadvovski afirmou que as habitações iniciais dos eslavos estavam situadas em alguma parte ao norte e leste do Niemen até o Dnieper. A isto junta-se a teoria do acadêmico russo Schachmatov que, à base de pesquisas filológicas, verificou que os bálticos e os eslavos formaram inicialmente uma só família étnica, estabelecida na região ao sul do Niemen e do Duna (Dwina) ocidental. Mais tarde, quando os habitantes primitivos da planície do Vístula emigraram para o oeste, esta teria se tornado a segunda região originária dos grupos balto e eslavo.

Esta teoria que foi criticada sobretudo pelo professor Liubavski, foi modificada pelo acadêmico, também russo, Sobolevski,

que era de opinião de que os eslavos apareceram aproximadamente dois séculos antes da nossa era nos territórios bálticos em consequência do contato de dois elementos étnico-lingüísticos: um deles falava um dialeto próximo do báltico e o outro teria falado um dialeto cita. Sobolevski foi, ao que nos parece, o último cientista que se limitou à aplicação única do método filológico, ao passo que depois dele, com o aumento das descobertas arqueológicas, o estudo do problema da origem dos eslavos entrou numa nova fase. Notemos, porém, que não pode ser negado o grande auxílio fornecido neste trabalho pelos filólogos, principalmente pelo estudo dos nomes próprios de localidades, montes e rios da Europa Central e Oriental, onde se supunha a existência de eslavos já nos tempos pré-históricos. O problema mais difícil a resolver não foi, porém, verificar se os eslavos habitaram essas regiões (o que todos reconhecem agora), mas de estabelecer a época, quando chegaram aí e de onde vieram. Os cientistas alemães pensam que os eslavos ocuparam a maioria dessas regiões somente depois das migrações dos povos germânicos para o oeste no começo da nossa era, enquanto que seus colegas eslavos afirmam que seus antepassados já povoavam essas regiões em épocas pré-históricas.

Neste particular foi também Niederle o primeiro a examinar cientificamente a questão dos nomes geográficos: o que o levou a verificar a existência de eslavos na bacia do Danúbio desde o começo da nossa era e provavelmente já antes dela. Mas os seus próprios estudos filológicos verificaram a existência, nas mesmas regiões, de vários nomes de origem germânica, báltica e até iraniana, sem que seja possível estabelecer com exatidão a quem desses povos cabe a primazia.

A resposta mais acertada foi encontrada, como já dissemos, na arqueologia e especialmente nas escavações feitas na Checoslováquia, Alemanha e Polônia. O fato básico estabelecido por elas foi a descoberta dos restos da já citada cultura de Unetitze (ou Aunitz, localidade situada nas vizinhanças de Praga), que tinha como centro a atual Checoslováquia e expandia-se ao sul até o Danúbio e ao oeste até o Saale e o Elba, enquanto que ao norte e a leste foi ela verificada na Saxônia e na Silésia. Pertence ela à época do bronze e ao grupo mais extenso da cultura "das cordas"; os mortos eram ainda sepultados encolhidos e mais tarde eram incinerados. Em certos lugares foram encontrados vestígios de uma cultura ainda mais antiga que certos cientistas julgam pertencer aos séculos XXI-XIX a.C. A própria cultura de Unetitze é considerada como pertencente aos séculos XIX-XV. Pensa-se que essa região era então povoada por indo-europeus antes destes se dividirem em várias raças ou então no começo dessa divisão.

Quase no mesmo território foram encontrados também vestígios de uma outra cultura mais recente que recebeu a denominação de cultura de Lausitz. Ela é considerada como herdeira direta

da cultura de Unetitze, tendo como centro o território de Lausitz e a Silésia. Esta cultura teria existido entre os séculos XV e II a.C., na época do bronze e nos primeiros séculos da época do ferro. Seus vestígios foram encontrados ao oeste até nas bacias do Nekar e do Meno, mas seus portadores partiram daí provavelmente sob a pressão dos celtas. Essa cultura aproximou-se também do Báltico, mas ao que parece durante um período relativamente curto. Sua principal expansão a levou para leste, onde ocupou a bacia do Vistula e desceu de lá para o sul até o Dniester. Essas regiões durante a época das migrações pré-históricas mudaram várias vezes de dono, mas sua população indígena sobreviveu aos invasores e geralmente os assimilou. Mas quando os cientistas quiseram definir quem eram esses autóctones, de novo surgiram dissensões. Até hoje para muitos permanece de pé a opinião do cientista alemão Cossinna que, depois de algumas vacilações, chegou à conclusão de que a cultura de Lausitz foi obra dos ilíricos que inicialmente habitavam a parte ocidental da península balcânica e dali expandiram-se para o norte e para o oeste, ocupando quase todo o território onde imperava antes a cultura de Unetitze. No começo da época do ferro (a qual pertence a cultura de Hallstadt, na atual Áustria), os ilíricos foram, porém, rechaçados pelos celtas que começaram a migração que os levou até à Rússia do Sul e à Ásia Menor, onde deram seu nome à província da Galácia. Foi desde então que os ilíricos ficaram somente na região montanhosa do Adriático Oriental.

A afirmação dos que consideram que foram os ilíricos os criadores da cultura de Lausitz encontrou, porém, refutações entre as quais as mais interessantes e motivadas são as do professor russo Miliukov(4). Ele não nega a presença dos ilíricos nessa região, mas mostra a coabitação destes com os vênéticos em quase todas as regiões de onde vieram e até nas diversas variações dessa denominação. Indica também que os ilíricos eram quase sempre os dominadores, ao passo que os vênéticos formavam as classes inferiores (*oiketais* em grego). Segundo Miliukov esses eslavos teriam sido o substrato étnico primitivo sobre o qual estabeleceu-se o elemento ilírico, que era da mesma raça que os eslavos. Miliukov achou uma confirmação de sua tese na antropologia e indica como exemplo a raça dinárica que habitava inicialmente os Alpes, sobretudo os orientais. Os crâneos escavados na Suíça Oriental, na Áustria e nos Balcãs pertencem em grande parte a essa raça aparentada e freqüentemente identificada com a ilírica e esse tipo predomina ainda agora nos povos eslavos do sul e encontra-se também freqüentemente nos poloneses. Vemos o mesmo tipo reproduzido nos vasos antigos encontrados nas escavações dessas re-

(4). — Miliukov, *Esboços sobre a história da cultura russa*. Paris. 1937, vol. I, parte I. (em russo).

giões. Aplicando a todos os fatos reunidos por êle o método combinado, que considera o mais científico, Miliukov conclui que a cultura de Lausitz foi principalmente uma cultura eslava e que os eslavos, embora tenham sido freqüentemente subjugados por outros povos, tanto germânicos como ilíricos ou celtas, não perdiam as suas características étnicas, fato que os ajudou a reconquistar sua independência.

É interessante citar ainda como possível prova da permanência dos eslavos na Europa Central, o fato de coincidirem os territórios das culturas de Unetitze e de Lausitz com o território eslavo tal como êle é delineado ao oeste por Carlos Magno na sua célebre Capitular de 805, editada em Tionville, e estabelecendo o *limes sorabicus*, fronteira que devia garantir a paz entre os germânicos e eslavos. Esse *limes* passava ao oeste do Elba, aproximando-se dêste somente perto de Hamburgo e de Magdeburgo, mais ao sul passando ao oeste do Saale pelas cidades de Erfurt e Regensburg e finalmente chegando ao Danúbio perto de Lorch. É possível que os eslavos tenham emigrado para além do Elba somente depois dos germânicos abandonarem essa região rumo ao oeste, como o afirmam agora os cientistas alemães, mas é ainda mais provável que os aborígenes eslavos nunca fôsem completamente expulsos daí e tenham sido apenas subjugados temporariamente pelos germânicos.

Não desejamos nos deter sôbre os trabalhos dos inúmeros cientistas checos e poloneses, sôbre os quais se baseou parcialmente Miliukov, e vamos passar ao professor da Universidade de Cracóvia Lehr-Splavinski, que em 1946 publicou dois volumes (5) utilizados da mesma maneira por Miliukov, principalmente quanto aos dados de filologia, antropologia, arqueologia e etnologia. Esse professor polonês presta grande atenção à cultura de Lausitz que as últimas teorias alemãs, seguindo as opiniões de Cossinna, afirmam ser germânica ou étnicamente ilírica. Segundo a maioria dos poloneses seria eslava, mas o professor Kostrjevski já antes da última guerra a considerava como eslavo-báltica. Lehr-Splavinski indica que, segundo os cientistas eslavos, as últimas pesquisas linguísticas estabeleceram em geral que inicialmente os germânicos (teutônicos), os eslavos e os bálticos formaram um grupo étnico. Dêsse grupo separaram-se primeiramente os germânicos, ficando ainda os dois outros no grupo proto-báltico. Quando mais tarde êste se dividiu, os eslavos ficaram linguisticamente mais próximos dos germânicos do que os bálticos (os letões, os lituanos, agora exterminados, e os prussianos). Esta situação, do ponto de vista filológico intermediária, corresponde também à região medianeira que

(5). — Lehr-Splavinski, *O pochodzeniu i praojezyznie slowian* (Da origem e da pátria de origem dos eslavos). Poznan, 1946. Escreveu êle também o artigo: *The origin and ancestral home of the slavs in Poland's place in Europe*. Poznan, 1947, de que nos servimos para êste trabalho.

ocuparam os eslavos entre os dois grupos. Passando depois disso ao estudo dos nomes próprios da atual região eslava, Lehr-Splavinski confirma que nela há nomes que não são das línguas dos grupos étnicos europeus, mas também das ugro-altaicas e iranianas. Isso é consequência das numerosas migrações que começaram na era neolítica e durante as quais tôdas as raças deixaram vestígios nos lugares por onde passaram. Como os outros cientistas eslavos modernos, Lehr-Splavinski considera que os vênedos, vênedos, vindos, etc., foram eslavos, mas pensa que eram apenas eslavos fronteiriços, ocupando as regiões onde sua presença foi verificada somente mais tarde, em época mais ou menos histórica e às vezes sendo levados para as mesmas pelos seus conquistadores. Tal seria o caso, já citado, dos vênedos que foram transferidos pelos celtas para a Vendéia, onde nada ficou deles a não ser nome da província. Dos dados linguísticos Lehr-Splavinski deduz somente que a pátria primitiva dos germânicos foi a região situada desde o baixo Elba à Jutlândia e à Escandinávia do Sul e a dos bálticos a do alto Dniepr e do Oka, de onde êstes se expandiram para o baixo Niemen. Assim, para os eslavos ficaram as bacias do Vistula e do Oder.

Abandonando o estudo linguístico, Lehr-Splavinski volta-se para o da arqueologia e examina o que pode ser firmemente estabelecido por esta. Em primeiro lugar êle indica que entre 2.300-2.000 a.C. expandiu-se desde a Sibéria, passando pela Rússia Central e a Polônia até a Silésia e o Oder, uma cultura conhecida como a da cultura da cerâmica do pente (*Camm kultur*, em alemão, e *Comb pottery Culture*, em inglês), devendo essa cultura ser atribuída a povos fino-ugrianos. Logo depois do ano 2.000 a.C. e até o fim da era neolítica apareceu uma outra cultura: a da cerâmica de corda (*Schnur kultur; Corded Pottery Culture*), que expandiu-se em sentido contrário, em direção ao Oriente, para a Rússia Central até o triângulo do Volga superior-Oka e no sul até o Cáucaso. Esta teria sido a cultura primitiva dos povos indo-europeus e aí teriam aparecido os germens da diferenciação dos grupos linguísticos desses povos.

No começo da época do bronze, entre 1800 e 1500 a.C. uma nova invasão vinda do norte da Europa Central para o centro, deixou alguns vestígios numa cultura denominada agora de Lusácia, que se expandiu entre 1500 e 1300 a.C. para as bacias do Oder e do Vistula e pela atual Checoslováquia até a bacia superior do Danúbio. Os celtas e os ilíricos, que dominaram antes essas regiões, foram subjugados ou expulsos para o oeste ou para o sul pelos povos que levaram essa cultura e que já se diferenciavam do substrato proto-báltico que encontraram ali e estavam destinados, segundo Lehr-Splavinski, a tornar-se proto-eslavos. Lehr-Splavinski acha que êstes proto-eslavos eram vênedos e pensa, por isso, que seria mais acertado chamar-se a cultura lusaciana de ve-

nediana. No artigo citado, Lehr-Splavinski não estuda pormenorizadamente o período entre 1300-400 a.C. e indica apenas que neste houve aí maior diferenciação no seio do grupo ocidental dos antigos proto-bálticos e passa logo à cultura dos sepultamentos em poços (*pitgraves*) do período inicial da cultura de La Tène da era do ferro.

Esta cultura dos *pitgraves*, que descende da lusaciana e que se desenvolveu no século III a.C., liga-se evidentemente à cultura material das tribos eslavas dos primórdios da história que moravam então entre o Oder e as atuais regiões da Podólia e Galícia. No fim do período de La Tène, em 200-100 a.C., esta cultura dividiu-se em dois ramos. O do norte, o oxiviano expandiu-se para além do Oder e atravessou também os Sudetos. Era a cultura dos eslavos agora chamados de ocidentais, ao passo que o outro, o przeworskiano do centro da atual Polónia desceu para sudeste e atravessando no III século da nossa era os Cárpatos, chegou até as bacias do Tisá e do Maros. Aí formaram-se os atuais povos eslavos do sul. Um outro ramo da cultura przeworskiana estendeu-se para o norte até o Niemen. Como na região da cultura dos sepultamentos em poços não foi achado nenhum vestígio de outros povos desde épocas pré-históricas, Lehr-Splavinski considerou-se autorizado a ver o *habitat* primitivo dos proto-eslavos nos baixos Oder e Vístula, extendendo-se depois por toda a bacia deste último rio.

Quando se deu a divisão dos eslavos em três grupos, Lehr-Splavinski salienta que o primeiro que escreveu com maior precisão a respeito dos eslavos foi Jordanes, em sua *História dos Gódos*, que não conhecia em 511 os eslavos ocidentais e anotou somente dois ramos dos vênetos: os eslavos do sul ou *sclaveni*, que habitavam desde Noviotunus (agora Isaktchi) no estuário do Danúbio até a desembocadura neste do Sava, e os *antes* habitando entre o Dniester e o Dnieper no sul até o Vístula no norte. Também não encontramos nessa história, e em outras fontes históricas da época, indicações a respeito da divisão dos eslavos em grupos. Também nada diz a este respeito a arqueologia; apenas na linguística Lehr-Splavinski acha indicações de que esta separação data ainda da época dos proto-eslavos. As particularidades primitivas das línguas dos três grupos permitiram aos filólogos estabelecer que já no seio dos proto-eslavos se observou uma cisão no falar dos eslavos ocidentais e orientais e mais tarde também entre os orientais e os sulinos.

O acadêmico russo Pitcheta, na sua crítica da grande obra de Lehr-Splavinski, considera que este atribui um papel exagerado às migrações, tanto dos indo-europeus em geral, quanto às dos ocidentais em particular, seguindo assim as opiniões racistas de Cosinna, apesar de negar as afirmações deste a respeito de uma cultura própria nos proto-eslavos e em particular nos poloneses. Pit-

cheta acha que Lehr-Splavinski não presta em geral atenção suficiente à evolução cultural da Europa Oriental. Os acampamentos neolíticos espalharam-se nela desde o Mar Branco até o Negro e o Cáspio durante alguns milênios e os vestígios do fim do neolítico distinguem-se sensivelmente no sul da Rússia daqueles do norte. A cultura de Tripolie (nas vizinhanças de Kiev) foi influenciada pelas da Trácia e da Tessália. Quando na Polônia dominava ainda a cultura da cerâmica de pente, no sul da Rússia já havia uma cultura superior com objetos de bronze, oriundos do Mar Egeu e da Ásia Menor. No mesmo período, a região dos Cárpatos já fazia parte da zona cultural adriática do bronze, como a de Tripolie superior da przeworskiana. De outro lado, segundo Pitcheta, Lehr-Splavinski parece reservar aos proto-eslavos um território menor do que eles possuíam realmente. Os vênets do Báltico foram eslavos sem dúvida alguma, mas teria sido realmente o seu território, como é descrito pelos escritores da Antiguidade, o da pátria de todos os eslavos? Mais verossímil seria que a pátria de origem desses vênets fosse somente a dos eslavos ocidentais. Os vênets do Báltico seriam assim somente um dos elementos étnicos proto-eslavos. Outros componentes dos proto-eslavos foram os *antes* e os eslavos danubianos, dos quais mais tarde falam os escritores bizantinos. Estes três elementos étnicamente eslavos entrecruzando-se, teriam formado o núcleo da comunidade eslava que, cruzando-se mais tarde com os povos vizinhos — os lúgios, os ilíricos e parcialmente com os alanos-sarmáticos — deram origem aos atuais povos eslavos.

O membro correspondente da Academia de Ciências russa, Udaltzov, publicou na revista *Etnografia Soviética* (1946, n. 2) um capítulo da grande obra que devia aparecer em 1947, sobre a *População antiga da Europa Oriental e o problema da origem dos eslavos*. Neste capítulo intitulado *As tribos da Sarmácia no século II. Análise do mapa de Ptolomeu*, Udaltzov indica que devemos distinguir na Sarmácia desse século antepassados dos eslavos, representados por dois dos seus ramos: os vênets, eslavos propriamente ditos e as tribos do grupo linguístico báltico. Além dos eslavos e bálticos habitavam então a Sarmácia ainda diferentes grupos de tribos alano-sarmato-citas.

Esta classificação parece coincidir com a de Pitcheta e no fundo não difere muito da de Lehr-Splavinski. Os três cientistas concordam quanto a região do *habitat* primitivo dos eslavos, mas divergem quanto a sua dispersão pelas regiões vizinhas desse local. No que concerne à divisão dos eslavos em três grupos não nos foi possível estabelecer com exatidão a diferença entre suas opiniões acerca da época e modo como ela se fez, não sendo para isso suficientes os materiais que tínhamos a nossa disposição.

Expuzemos aqui as últimas notícias que encontramos na literatura histórica da Europa Oriental a respeito da origem dos es-

lavos. Repetimos, esta exposição não é exaustiva, pois não conseguimos receber todos os materiais de que necessitávamos. Entretanto, podemos afirmar que essa origem, como em geral todos os fatos pré-históricos, provoca ainda muitas discussões entre os mais competentes cientistas. Os numerosos trabalhos arqueológicos levados a efeito nos últimos anos, tanto na Polônia como na Rússia, poderão ainda fornecer novos materiais para melhor julgamento desse problema mas, por enquanto, apenas podemos estabelecer que o território habitado pelos eslavos primitivos foi sensivelmente maior do que se pensava ainda há 25 anos atrás.

Conde EMMANUEL DE BENNIGSEN